

# O PROGRESSO

Preço da assignatura

Anno (sem estampilha)	1\$200
Semestre	600
Anno (com estampilha)	1\$500
Semestre	750
Brazil e Africa, anno (pagamento adiantado)	3\$000
Numero avulso	40

Preço das publicações

Annuncios e com., por linha	40
Repetições	20
No corpo do jornal, linha	100
Annuncios commerciaes, pagos adiantadamente, publicam-se por contracto previo e os litterarios em troca d'um exemplar.	

PUBLICA-SE AOS DOMINGOS

Proprietario — ABILIO COUTINHO

Editor responsavel — José Ferreira

Redacção, Administração e Typographia — Largo da Oliveira

Orgão do partido progressista

## Dr. Avelino da Silva Guimarães

Acabamos de ser surpreendidos com a dolorosa noticia do fallecimento do notavel causidico vimaranense, dr. Avelino da Silva Guimarães.

E' com o coração trespassado pela dôr mais aguda que aqui communicamos ao publico este facto commovente.

Sim, pois ainda ha dias o viamos passar, com o passo vagaroso, o olhar absorto talvez que n'uma triste meditação, esse ancião venerando, vergado ao peso dos infortunios e vergado ao peso do saber. E agora elleahi está inerte e frio, repousando ao longo de quatro taboas d'um caixão, sobre uma ẽca funeraria!

Eramos amigo do finado e por isso não pode ser este o momento de lhe apreciarmos devidamente as suas qualidades e o seu valor.

Só diremos que Guimarães pode com a sua morte o decano dos seus advogados, que como José Sampaio, outro morto insigne d'ha dias, que tanto sentimos, que com Bento Cardoso e Leite de Castro formava a pleiade luminosa da dynastia intellectual do nosso foro. Era não só um advogado distinctissimo na

nossa terra, como o seria em toda a parte do paiz.

A sua morte abre uma lacuna immensa que difficilmente será supprimida.

Paz ao morto illustre!

## O ROMPIMENTO

Ahi vae explanado o grande escandalo do partido regenerador.

E' o que se pode chamar um partido partido em estilhaços no meio d'um lagado, d'onde não mais se levantará, para bem e fortuna do paiz que o odeia e o detesta.

Dizem as «Novidades»:

Deu-se hontem o rompimento, que de ha muito se annunciava, entre o grupo do sr. João Franco e o sr. presidente do conselho. Envolve-se no facto todo o agrupamento, porque, em vista do que se passou na sessão nocturna, e apesar do persistente silencio, que o sr. João Franco manteve perante a exauctoração partidaria soffrida por um dos seus mais dilectos e prestimosos parciaes, não podemos crer que o conflicto fique limitado a um incidente individual. A hora, a que estamos escrevendo, ainda nos não chegou noticia do seguimento da contenda; mas temos como seguro que na sessão de hoje o rompimento se tornará geral e definitivo. Nem, sem desdoiros accentuados, poderia succeder de outra forma.

O rompimento appareceu quando já se não esperava. Veiu fora de proposito. E, não tendo oportunidade, tirou força

a quem o promoveu e deliberou. O que significa este levantar de guerra, á ultima hora, quando a sessão legislativa vae tão adiantada, quando o espirito publico esta fatigado, quando os trabalhos parlamentares se apressam por consenso de todos, porque todos estão de accordo na conveniencia de os encerrar? Não é facil de responder. Comprehendia-se que o grupo dissidente tivesse adoptado posições definidas desde a sua entrada na camara, para proclamar a sua autonomia e afirmar a sua orientação; ou que aguardasse o primeiro ensejo apropiado para n'uma discordancia clara resolver a scisão; mas andar a reboque do governo n'estes quatro mezes e meio, que vão decorridos; fallar contra para accentuar a divergencia, e votar a favor para manter a unidade partidaria; explorar esta situação equívoca e defender esta attitud ambigua como sendo um plano machiavelico, profundamente meditado e solidamente resolvido; e á ultima hora, quando a variação só podia favorecer o governo, mudar de pano, de attitud e de situação—é o que não se explica e não se percebe.

E que magnificas occasiões as circumstancias offerteram ao chefe do grupo dissidente, para levantar, alto e com firmeza, uma nova bandeira! Com o apoio d'essas inesperadas circumstancias e tendo á servil-o alguns parlamentares experimentados e de palavra fluente e cá lida, o grupo, sendo convenientemente dirigido, constituiria na camara uma phalange invencivel. A colligação de resistencias politicas, que se lhe antepunha dos dois lados da camara, resultante das malquerenças provocadas pelo seu chefe, seria impotente para lhe cortar o caminho. Iria avante,

e ovante, lançando a confusão e a desordem nas hostes contrarias, desbaratando os capitães inimigos, aumentando com esses destroços as suas legiões, creando cá fora uma força formidavel e irresistivel, dominando completamente a direcção dos acontecimentos. Quantas vezes, em conversações intimas, invejamos essa situação, que raro surgem no tablado para exaltar um homem publico! Manifestamente, o chefe não tem envergadura para o papel, que se attribuiu. Não soube aproveitar o favor das circumstancias, porque nem mesmo soube comprehend-o. O chefe, que é um producto de varios acasos propicios, vale menos que alguns dos seus soldados. Envolveu-os desastradamente n'um tentamen inglorio e infructifero, podendo levar-os á victoria.

Attribue-se a alguém, muito considerado, uma phrase que no seu *double sens* é de fina malícia e contem uma apreciação exacta e profunda da pessoa: «O João Franco, com a morte do Carlos Valbom, perdeu a cabeça». Effectivamente, se Carlos Lobo d'Avila lhe não tivesse faltado, o sr. João Franco não se teria mettido em taes aventuras, ou sair-se-ia d'ellas em melhor postura. Mas quem precisa de cabeça alheia para se saber guiar, não compromette os amigos com os desfallecimentos e os impulsos proprios.

O sr. Hintze Ribeiro teve hontem um soberbo movimento de altivez e de desforço, de reacção pessoal e de dignidade politica, e foi principalmente o seu antagonista quem lh'o preparou. O sr. João Franco encheu-o de razão, e encheu-o de força. Deu-lhe tempo para se preparar, e deu-lhe justificados motivos para ser severo. O sr. Hintze Ribeiro correu-os com um latego—veja-se o ex-

tracto da sessão nocturna—mostrando-lhes na outra mão o garrote. E o sr. João Franco, o chefe do bando, que empurrara para a frente um dos seus mais dedicados e mais talentosos amigos, deixou-o exauctorar partidariamente sem se levantar logo, sem protestar immediatamente, sem pular a cobri-lo com a sua palavra, com as suas responsabilidades, com a solidariedade de todo o agrupamento! A impressão penosa, de favoravel, que este silencio e esta abstenção causaram, não pode calculal-a o sr. João Franco, visto que tambem a não previu. Nem uma palavra! E quem o observava das galerias, não percebeu nem um gesto nem um movimento! O sr. Malheiro Reytnão foi exauctorado partidariamente em publico e raso. Mas o flagicio procurava os a todos. O chefe deixou se ficar mudo e impassivel! Grande general para proteger as tropas e fazer rosto ao inimigo.

Isto não é politica de habilidades: é uma politica de escaninhas. O termo não cabe no estylo nobre, mas é o que define com mais precisão a tática seguida pelo sr. João Franco. É uma politica de mesquinarias, e de *egoismo* sem grandezas, que não inspira confiança, não attrae sympathias, não tem preza para adhesões. Ser habil, n'estes lances, é ser mais audacioso, mais levantado, mais largo de vistas e de vôos. Na politica portuguesa pode haver lugar para essas energias e para essas audacias, mas não para novos agrupamentos de mera regedoria. Emquanto o sr. Malheiro Reytnão aprestava e pulia o dardo, que em som de guerra havia de arremessar nos arraiaes do governo, o sr. João Franco discutia demoradamente nos corredores a importante ques-

## FOLHETIM GUIMARÃES NO TEMPO DA MARIA DA FONTE

O Tranca toma o commando do batalhão de Guimarães — Viajantes presos — O Villa Chã absolvido — O Maneta bufando, o José Joaquim rugindo e o visconde rindo-se — O pessimismo do Salgado de Pardelhas e o optimismo do Tranca — O fidalgo do Cano.

Ora n'esse mesmo dia chegava a Guimarães o tal official miguelista que devia commandar o batalhão dos provisórios. Era um convencido de Evora-Monte, com a patente de

coronel, alliado agora da Junta do Porto e por ella nomeado para aquelle commando. Esta nomeação, ao parecer do nosso chronista, fora feita a pedido do visconde da Azenha, quando o José Salgado, antes de partir para a Povoá de Lanhoso, insistia em se exonerar.

O Tranca não gostou da chegada do coronel; correu ao Arco, e com tanta felicidade ahi entrou que, passada meia hora, já de lá trazia a certeza de ficar com o commando do batalhão. O visconde arranjava as coisas do melhor modo: hospedara o coronel, offerecera-lhe uma outra commissão de serviço, de combinação com o condé das Antas, a quem escreveria, — mas que não era pressa, pois eram amigos intimos, podia tomar a responsabilidade — e não cessava de lhe repetir que se deixasse es-

tar no Arco, o que sempre era bem melhor do que andar um homem exposto ás balas. O coronel agradecera-lhe, mas obtemperara-lhe que tambem precisava de tratar da sua saúde, como o José Salgado e o padre Casimiro, e que a casa do senhor visconde não era nenhum hospital. O visconde insistia, fazendo-lhe ver que tinha dado de comer e de dormir a muita gente, que lhe não era pesado, que ficasse, *et coetera* e tal. O coronel bem o sabia; resolvido, porem, a não acceitar, agradecera-lhe novamente, fazendo-lhe outra saúde, e contramarchara para o Porto.

D'ahi a tres dias, um novo adventicio veio dar que fazer ao José Salgado, mais ao Tranca. Era aquelle corregedor de Villa Real, que no dia 31 de janeiro chegara a Guimarães, fugido ao Vinhas, com a no-

ticia da morte do Macdonell, quando este ainda estava vivo. Pois esse pobre corregedor, passando agora na villa, com dois amigos com quem jorna-deava para a sua terra, tornou-se logo suspeito de conspirador, e, em vez de dormir na hospedaria a que se recolhera, foi bater com os ossos á cadeia, de cambalhada com os seus dois companheiros de viagem.

Dera causa a isto o continuar a dizer-se que os miguelistas da villa conspiravam, — os dissidentes, já se via — e, como o corregedor fôsse tambem dissidente, entenderam alguns dos liberaes vimaranenses que elle vinha conspirar com os miguelistas de dentro. O infeliz corregedor berrava; os companheiros não berravam menos, protestando todos pela sua innocencia; mas, como o catce-

reiro lhes fizesse saber que as garantias estavam sendo suspensas a cada passo, acabaram por se remetter ao silencio, se quiseram ver gestos de poderem continuar a viagem. Foi tambem o visconde quem lhes valeu, ainda antes de se deitarem, — o que, de certo, não fariam, bem que o carcereiro lhes tivesse preparado umas camas muito rasoaveis, por ordem do José Joaquim — O visconde, informado do caso, foi á cadeia, depois de ter conversado com o do Reboto, ficou pelo corregedor e pelos seus companheiros, e a prisão não se manteve.

Outra, que tambem se não manteve, — e disse-se depois que tambem por intervenção do mesmo visconde — foi a do Villa Chã. N'esse mesmo dia, e com surpresa de toda a gente, — pois até se dizia que o

tão do administrador da Covilhã. Epicas cogitações! O bando deve ter tido agora—completado—a sua decepção profunda, o seu invencível descoroamento: não tem chefe. Não tem cabeça. E a toa não se pode caminhar e progredir.

## Guerra das Duas Rosas

(A GRANDE ESPECTATIVA)

Quem bebe um bocadinho nas bicas da Historia sabe muito bem que em Inglaterra se feriu ao longo de oito reinados successivos uma tremenda e sanguinolenta guerra civil, originada de questões dynasticas, que apresentavam as duas casas de Iyork e Lancastre, que ambas descendiam do rei Eduardo III.

O mesmo throno tinha pois dois descendentes, do mesmo sangue e da mesma casta; e atraz de cada um d'elles infileirava-se um partido formidavel no numero dos contendores e na ferocidade da lucta.

E para que ninguem os confundisse, a elles, que eram irreconciliaveis, adoptaram por divisa, uma rosa branca os da casa de Iyork, uma rosa vermelha os da casa de Lancastre.

Aqui está uma licção historica, uma licção que não pode deixar de ser aproveitada na actual conjunctura da politica local.

Pois porque não? A questão presente é uma verdadeira questão dynastica, não de um throno real, mas de um throno governamental.

A casa de Lancastre será aqui o grupo Hintze, a casa de Iyork será agora o grupo Franco.

A guerra está aberta e se não é sanguinolenta, porque não estamos em tempo de bretões ou de gauleses, tem ao menos de ser uma questão politqueira, visto que assim está officialmente decretada e até convertida em lei pelo parlamento nacional.

Ahi temos pois a reproducção, em ligeira mas perfeita miniatura, do celebrado caso historico.

E emfim, porque somos agora um paiz alliado da Inglaterra, temos indeclinavel necessidade de lhe fazer reviver as tradições.

Mas não se supponha que estamos a dar um conselho; não, está já assente e deliberado e vae passar-se em breve, á clara luz do dia, com larga e ostentosa solemnidade.

E' para o proximo domingo, no jardim publico d'esta cidade, que se vão defenir situações pelas «boutonières» respectivas.

Houve, pelo que nos dizem, grandes pedidos para o jardim botanico do Porto, Marques Loureiro, a quem, sabemos muito bem, se fizeram largas requisições de rosas encarnadas e rosas brancas.

O momento é o do hymno da Carta; ao levantar da batuta do regente entrarão pela porta sudoeste os da rosa branca, pelo lado opposto os da rosa encarnada; o cumprimento, de chapéu apenas, é na altura do corêto.

Fora do jardim em volta das grades passearão os regedores e influentes até 20 votos.

A comissão do recenseamento tem logar nas carreiras lateraes.

A camara enfileira toda em frente á havanesa, a nascente, e do que se passar lavrará a respectiva acta, que remetterá em duplicado, pelas vias competentes, ao ministerio do reino e ao sector dissidente.

A seguir ao hymno da Carta—o momento de jurar bandeiras—a musica executará a symfonia da «ó Julia, ó Julia, ó Julia, ó Julia» que os da rosa vermelha offerecerão aos da rosa branca, como quem diz: «se queres cantar a chula, has-de pôr aqui o pé.»

E' claro que tudo isto é uma solemnidade, que parecendo innocente, assume em todo o caso um elevado

caracter todo constitucional, todo pragmatico, como convem e é proprio em taes lances agudos e decisivos.

O Grande Hotel do Tournal tem já pedidos todos os logares das suas largas sacadas, bem como os demais proprietarios fronteiros e conta-se até que sejam armadas tribunas em amphitheatro para espectadores de fora do concelho, Vizella e Tappas.

Suppomos não haver redução nos preços da linha do Bougado, mas se houver dizemos em «á ultima hora.» O que se diz é que algumas alquilarias porão carreiras entre S. Torquato e Guimarães.

## NOVIDADES

### Conego José Maria Gomes

Acaba o nosso distincto amigo sr. conego José Maria Gomes, um dos mais intelligentes professores do nosso seminariolyceu, de publicar, em opusculo, a defeza que apresentou escripta na syndicancia, a que ultimamente se procedeu ahi por virtude d'uma queixa do sr. reitor.

Agradecemos o exemplar offerecido e diremos d'elle duas palavras.

Escripta em linguagem fluente, muito portugueza e muito clara, solidamente deduzida, a resposta d'aquelle nosso amigo aos artigos d'accusação deve ter produzido magnifica impressão no publico sobre a justiça da sua causa. Para nós, que de ha muito apreciamos o illustrado e honesto professor e, por vivermos n'este meio, conhecemos de perto todas as pequeninas coisas do conflicto entre elle e o sr. reitor, pouco adeanta a resposta. Nós assim ouvimos, para muitos outros que, ou illudidos ou desconhecedores do assumpto, carecem de ler este opusculo. As annotações, que lhe juntou o autor, dão á questão muita luz e põem infelizmente a descoberto os processos usados para com elle—abusos e illegalidades. Revela-se, incontestavelmente em todo o decurso do opusculo, uma serie de factos que obrigam o leitor a concluir que ha, seja em quem for do pessoal dirigente do seminariolyceu, uma vontade manifesta, um

proposito inabalavel d'inutilizar o prestimoso mestre.

Os pontos de queixa do sr. reitor, reduzidos e pulverisados pela defeza, são futilidades para uma accusação séria.

Francamente, desde que um professor não pode ser accusado nem de inepto, nem de desleixado, nem de devasso, nem de venal ou corrupto julgador, e ahi juram todos em defeza do illustre conego, nenhuma accusação ha que mereçam importancia.

Pensamos como o autor do opusculo:

«A queixa do sr. reitor deve crer-se urdida com elementos gandaiaados e jungidos em *tour de force*, não inspirada no zelo e paixão do bom nome e dos levantados creditos do estabelecimento...»

Do valor das annotações, que illustram o opusculo, julgará o leitor pelas duas que vamos transcrever, um primor de forma e de dialectica. Repudia o autor a explicação que lhe deram os srs. reitor e secretario em sessão de 5 de dezembro de o não terem convidado para a sessão de 6 de outubro por esquecimento e diz:

«E' sabido que no cumprimento dos deveres officiaes nenhum funcionario pode allegar *esquecimentos*. Tal desculpa poderá ter valor moral, nunca effeito legal, para a absolvição. Todavia, quando houve no publico a noticia do caso, alguns ingenuos diziam do sr. Reitor: *Coitadinho! E então?! Não se podia ter esquecido? Um esquecimento quem quer o tem.*

Em homenagem aos taes ingenuos (toda a boa fé merece respeito) explicarei que no nosso Lyceu e, me parece, nos outros, a praxe dos avisos ou convites para conselhos escolares é mandar o Reitor ou o Secretario ao bedel *que avise os professores para conselho em tal dia, ás tantas horas*. E, feito isto, está cumprido o preceito da convocação. O resto é com o bedel.

Logo, a haver esquecimento d'avisar qualquer professor, nunca pode ser do Reitor ou Secretario.

Portanto, se estes allegam esquecimento, é que se metteram a avisar elles proprios, o que foi já violação das praxes. E, se n'isso, se metteram, (como, de facto, foi) é porque isso lhes convinha para me deixarem sem aviso a mim. (Fio que ainda não chegará o impudor a dizer ao bedel: *avise os professores, menos fulano!*)

Demais, se foi esquecimento o meu não convite, como é que, ao notarem a minha falta

curios, tambem não tardariam a dispersar, se ainda o não tivessem feito. (1)

(1) O seguinte documento, se por um lado confirma o optimismo do Tranca quanto aos miguelistas, não deixa contudo de dar razão aos que acreditavam na tal conspiração «de dentro», embora o fidalgo do Cano estivesse de fóra.

«Ill.<sup>mo</sup> e ex.<sup>mo</sup> sr. Com a maior satisfação tive o gosto de receber o officio de v. ex.<sup>a</sup>, de 7 do corrente, e por seu contheudo vejo que v. ex.<sup>a</sup> me anima com a satisfactoria noticia de em breves dias apparecer á luz a nossa bandeira Realista, «que tão desanimada está por falta de recursos, pois nunca vi principiar-se uma restauração sem armas, sem munições e sem dinheiro, e faltando ao mesmo tempo parte dos realistas, que se venderam para o Porto,» e outros mettendo-se em suas casas, e não mandando ao mesmo tempo as tropas que tinham debaixo do seu commando para que se me unissem, visto ser um dos «unicos» d'esta provincia, «que fiquei fiel em campo.»

«Lembro a v. ex.<sup>a</sup> que seria bom officiar ao brigadeiro Gaspar Leite,

na sessão, não diligenciaram remedial-a, mandando-me chamar ás aulas, onde eu estava sem duvida, pois no tal dia, 6 d'Outubro, não faltei a nenhuma?

Mais ainda. Dado que passasse despercebida, no momento, a minha não-comparencia em conselho, porque é que se não buseou, mais tarde, dar-me explicações particulares e, pelo contrario, se manteve um tal silencio do caso, um tão rigoroso sigillo que só decorridos 2 mezes, em 5 de Dezembro, eu vim a saber-o?

Ah, deixem-me dizer n'oma formula semi paradoxal: *Eu fui esquecido á força de ser lembrado.*»

N'outra parte combate o autor as desculpas dadas pelo sr. reitor á Direcção Geral de não ter convocado o conselho escolar desde 3 de julho até 9 de setembro e diz:

«Essas desculpas resumem-se no seguinte:

a) que eu, com a desistencia do allemão em 2 de julho, lhe creara difficuldades para a distribuição do serviço;

b) que teve de consultar em 9 de julho a Ex.<sup>ma</sup> Direcção Geral sobre se podia chamar algum professor interino;

c) que só veio resposta em 20 d'Agosto;

d) que tratou logo d'organizar a proposta da distribuição de serviço, mas que até á data (9 de Setembro) lhe foi impossivel reunir os membros do conselho por se acharem ausentes e a muita distancia d'aqui;

e) que, não obstante a falta do Conselho Escolar, não tinha duvida em remetter á Ex.<sup>ma</sup> Direcção Geral a tal proposta de distribuição de serviço e o nome do professor interino escolhido, tanto mais que ouviu particularmente, *sobre este ultimo*, a todos os professores, menos um.

Felicitemos o autor pelo brilhantismo da sua defeza e em nada invejamos a situação em que ficou o sr. reitor com as revelações feitas no opusculo. Tem d'estes espinhos as accusações levianas, como foram incontestavelmente as do sr. reitor do lyceu de Guimarães.

## Uma escola fechada

A escola official da freguezia de S. Jorge de Selho ha mais d'um mez que está fechada, porque, tendo sido transferido o professor da mesma, o sr. administrador do concelho não nomeou, como lhe cumpria, um professor interino.

Vae com vista ao sr. Agra.

Era assim que o Tranca pensava, a respeito dos miguelistas. E não se enganava. Quanto ás manhas e habilidades da gente que trouxera de Vizella, menos se enganava tambem. O que d'ahi a tres dias se passou com ella não o veio desmentir, como vamos ver.

(Continua)

que se acha nos suburbios dos Arcos, freguezia de Rio Frio, para que este assumo o commando da Provincia do Minho, pois é homem de prestigio n'esta Provincia, e mui rico, que pode sustentar a guerra uns poucos de mezes e eu sei por pessoas fidedignas que elle não tem sobido a campo por não terem feito caso d'elle, e ser um dos maiores Realistas d'esta Provincia. Deus Guarde a V. Ex.<sup>a</sup> muitos annos. Quartel General em Penso, 18 de Abril de 1847. Ill.<sup>mo</sup> e Ex.<sup>mo</sup> Sr. Candido Rodrigues de Figueiredo e Lima.—O Brigadeiro Commandante das Forças do Alto Minho.—José Marcelino dos Santos Villas Boas. (O dos dias d'outubro) por D. João d'Azavedo, doc. n.º 3)

O villa de Guimarães, Aqui me tens outra vez. (1)

O Maneta bufava, o do Reboto rugia, o visconde ria-se, e o de Pardelhas limitava-se a dizer: Lá se avenham com elle! Lá se avenham!

(1) Em 1863 fomos ao Ermo, no concelho de Fafe, visitar um amigo que ahi ti thamos, José Cardoso Vieira de Castro, a quem a fatalidade tao cruelmente feriu pouco tempo depois. O arrieiro que nos acompanhava era o Villa Chã. Como já então estivessemos de posse do repositório de apontamentos de que nos temos servido para esta narrativa, e tivéssemos de memoria o caso do bofetão no Maneta, perguntamos-lhe:

—O Villa Chã, como foi aquelle caso do bofetão no Maneta? Você sempre lhe chegou?

Resposta d'elle:

—Não, senhor! Passei-lhe somente a mão pelo rosto, para lhe enxotar uma mosca.

—Era um bom typo este Villa Chã! Ou um grande pandego, como já então se dizia.

conde das Antas lhe mandara dar nada menos de 800 varadas—, apparecia elle por toda a villa, rindo e cantando. E a quem o inquiria sobre o que dera causa ao seu livramento e regresso, respondia que fóra absolvido em conselho de guerra, que tinha amigos, que trazia a sua baixa muito limpinha, e com ella uma recommendação por escripto para ninguem se importar com elle. Quando passava no Tournal, tambem alguns frequentadores do Passeio o quizeram ouvir, ao mesmo tempo que lhe davam os parabens. Elle então agradecia, ria-se, desbarretava-se, cobria-se outra vez, erguia os braços, arqueava-os, fazia dos dedos castanholas, dava uma pirueta, e lá seguia cantarelhando:

Quatro com cinco são nove, Pan doze faltam tres;

José Coelho da Motta Prego

N'uma das ultimas sessões da camara dos deputados realisoou a sua estreia parlamentar o nosso illustrado e sympathico amigo, o sr. dr. José Coelho da Motta Prego, deputado pelo circulo do Pezo da Regoa.

A imprensa de Lisboa, sem distincção de cor politica, referindo-se ao discurso de s. exc.<sup>a</sup>, assevera que a estreia não podia ser nem mais brilhante nem mais auspiciosa.

Dos jornaes que temos sobre a banca destacamos a apreciação do *Seculo* que, por todos os motivos, é insuspeito:

«O sr. dr. Motta Prego, diz aquelle nosso collega, realisoou hontem a sua estreia parlamentar, revelando-se um orador distinctissimo, ficando cotado, e com a maior justiça, como um dos melhores oradores da camara.»

E' nosso adversario politico o sr. dr. Motta Prego, mas esta qualidade não nos inibe de sermos justos felicitando quem é nosso conterraneo e allia a uma esmerada educação os dotes da mais subida intelligencia.

Conhecemos s. exc.<sup>a</sup> ha bastantes annos e por isso podemos affirmar que continuará a desempenhar o lugar de deputado com tanta dignidade e solicitude como tem exercido os cargos da magistratura a que pertence e onde tem revelado a maior competencia.

Cumprimentamos, pois, s. exc.<sup>a</sup> e pedimos-lhe que aceite os nossos vehementes e sinceros parabens.

Os acontecimentos do dia 5

Continuam obrigados na discussão os lamentaveis acontecimentos que ahí se deram no dia 5 do corrente.

A camara municipal, na sua sessão de quarta-feira passada, cujo extracto não publicamos hoje por absoluta falta de espaço, tambem tratou do momentoso assumpto.

A assembleia geral, que o Club Commercial Vimaransense annunciou para o domingo passado, concorreu numero superior a 100 socios, e todos elles, por unanimidade, approvaram a moção que em seguida publicamos conjunctamente com o officio que nos enviou o nosso presado amigo sr. Pedro Lobo, digno presidente d'aquelle Club:

Ill.<sup>mas</sup> e Ex.<sup>mas</sup> Sr.

Peço a V. se digne publicar no seu bem redigido jornal a moção que vae junta e que a assembleia geral d'este Club, sob a minha presidencia, approvou, resolvendo dar-lhe publicidade. Deus Guarde a V.

Guimarães, Secretaria do Club Commercial, 13 de maio de 1901.

O Presidente da Assembléa Geral,

Pedro Lobo Machado Cardoso de Menezes

MOÇÃO

Reunidos em Assembléa Geral, os socios do Club Commercial Vimaransense, ainda sobresaltados com os revoltantes factos de que foram victimas, na sua retirada para o Porto, os representantes das diversas Associações Operarias, que vieram a esta cidade de visita á Associação dos Operarios Metallurgicos, affirmando o seu profundo sentimento de confraternidade humana e social, propugnando os foros da civilização, gentil cortezia e cordeal hospitalidade, de que esta cidade tem dado robejas provas, repellendo toda a responsabilidade

de tão lamentavel procedimento e, n'um esto de justa indignação, com toda a energia contra elle protestam.

O Presidente da Assembléa Geral,

Pedro Lobo Machado Cardoso de Menezes

Tambem recebemos do Porto o seguinte agradecimento:

Sr. Redactor d'O Progresso:

A forma digna e alevantada como V. aprecia os lamentaveis factos occorridos no dia 5 de maio obriga-me a vir por este meio patentear-lhe o meu sincero agradecimento, agradecimento este que envolve toda a velha mas nobre cidade de Guimarães, velha na era, mas nobre no sentimento do seu povo, que não commungou nos tristes acontecimentos, antes pelo contrario tem, como era de esperar, protestado altiva e nobremente contra meia duzia de inconscientes que sem brio nem pondonor e dizendo-se religiosos não fazem mais que manchar e comprometter a religião.

Eu, como sendo um dos delegados da Federação das Associações Operarias do Porto, ahí mandado para a representar, ao ver que o povo de Guimarães, sem distincção de classes, se levantou n'um unisono protesto contra o attentado de que fomos victimas, cumpri-me vir-lhe agradecer e ao mesmo tempo declarar-lhe que o intuito dos trabalhadores do Porto, ao visitarem Guimarães, não tinha em vista desacatar a religião, nem tão pouco provocar os sentimentos ou ideias de cada um; mas sim tão somente cooperar na festa que os operarios metallurgicos de Guimarães promoviam, e ao mesmo tempo confraternisar com aquelles trabalhadores, que já caminham pela estrada do progresso, para um futuro livre de preconceitos, onde a Justiça não seja um escarneo e a Liberdade uma ficção, onde todo o homem que trabalha tenha um taller no banquete da vida e não morte de fome como hoje sucede.

Dito isto e não desejando entrar em considerações que n'este momento não julgo opportunas, limito-me a dizer que os trabalhadores do Porto não se acham melindrados, porque de sobejo conhecem que não foi Guimarães quem os insultou, mas sim meia duzia de individuos só dignos do nosso desprezo.

A gloriosa cidade do Porto, sr. Redactor, o Porto trabalhador, estende a sua mão callosa á fidalga cidade de Guimarães, agradece-lhe e retribue-lhe os protestos de leal camaradagem que n'ella encontrou.

A Guimarães, pois, sem distincções de classes, o nosso eterno reconhecimento.

Porto, — 14 — 5 — 1901.

Manuel da Silva Guimarães

Delegado da Federação das Associações Operarias do Porto.

Os jornaes do Porto, d'hontem, com as epigraphes — *Colonia vimaranense — Reunião de protesto* — dizem:

«Sob a presidencia do sr. José Villarinho, tendo como secretarios os srs. José d'Oliveira Coutinho e Francisco da Silva Guimarães, reuniu hontem, numerosamente representada, a colonia artistica vimaranense residente n'esta cidade.

O sr. presidente declara que esta reunião lhe tinha sido solicitada por grande numero dos presentes, com o fim d'esta colonia se manifestar contra as desagradaveis occorrencias de que foram victimas os delegados do Porto que, em visita fraternal, tinham ido á Associação de classe dos operarios metallurgicos d'aquelle cidade.

Via, disse o sr. presidente, que quasi toda Guimarães estava indignada contra os perturbadores da ordem que os operarios pretendiam manter n'aquelle festa de fraternidade, chamando a attenção da assembleia para a campanha estabelecida pelo semanario *O Progresso*, para o qual teve palavras de louvor.

Egualmente dirigiu palavras de agradecimento á honrosa

collectividade denominada *Club Commercial Vimaransense* pela forma altiva como tomou a defeza dos delegados do Porto.

Segundamente usaram da palavra os srs. Manoel Martins, Domingos José Marques Guimarães e M. Lemos. Todos estes senhores lamentaram os acontecimentos de que foram victimas os delegados do Porto, para os quaes tiveram rasgados elogios. O ultimo dos oradores depois de historiar os referidos merecendo largos applausos da assembleia manda para a meza a seguinte moção, a qual foi unanimemente approvada.

MOÇÃO

A colonia artistica vimaranense, tendo conhecimento pela imprensa do Porto e Guimarães dos lamentaveis successos occorridos n'esta ultima cidade por occasião da visita feita por alguns delegados portuenses á associação dos metallurgicos;

Tendo em boa conta a dignidade dos provocados, e querendo ser solidaria com os bons principios da liberdade que reconhee em todos os membros da sociedade e aos que sempre se tem associado;

Vendo que o povo honesto e liberal de Guimarães se tem manifestado em favor dos delegados do Porto contra os provocadores, resolve:

1.<sup>o</sup> Lavrar tambem o seu protesto contra os disculos que tão infamemente provocaram os hospedes a quem deviam respeitar, enxovalhando assim uma cidade nobre e hospitaleira.

2.<sup>o</sup> Officiar ao Club Commercial Vimaransense, agradecendo-lhe a pontualidade com que tão alevantadamente formulou o seu protesto, levantando assim o bom nome de Guimarães.

3.<sup>o</sup> Officiar á camara vimaranense, pedindo-lhe para que esta illustre corporação, como legitima representante da cidade, promova uma manifestação contra os aggressores, dando assim uma honrosa satisfação á invicta e laboriosa cidade do Porto, que tão bem nos tem tratado, para honra da terra que nos viu nascer.

4.<sup>o</sup> Exarar na acta um voto do seu mais profundo descontentamento pela forma indifferente como o sr. administrador votou o assumpto, não predispondo as coisas de forma a evitar taes acontecimentos, aguardando ainda as medidas d'esta auctoridade contra os aggressores, para proceder segundamente como julgar conveniente.

M. Lemos.

A representação que segue era a que muitos individuos d'esta cidade tencionavam apresentar na ultima sessão camararia, e que foi prejudicada pela moção que apresentou o vice-presidente da camara, sr. dr. A. B. Leite de Faria:

Ill.<sup>mas</sup> e Ex.<sup>mas</sup> Senhores Presidente e Vereadores do Municipio de Guimarães:

Os signatarios, vossos municipios, veem perante vós no intuito de elevar esta cidade ao alto conceito e bom nome de que ella gosa perante o paiz.

Não é desconhecido de vós, illustres representantes d'esta cidade e concelho, os factos bem lamentaveis quão criminosos occorridos no dia 5 do corrente, em que alguns filhos

de Guimarães, do Porto e Villa Nova de Gaya foram barbaramente espancados, feridos e insultados por meia duzia de arruaceiros que infelizmente vivem no nosso meio social.

Estes factos, asperamente verberados por todas as pessoas de bom senso e educação e ainda por diversas collectividades particulares de Guimarães, que já em reuniões de assembleia geral protestaram contra elles, não esquecendo ainda a imprensa, não podem passar desaperecebidos aos signatarios sem a sua reprovação e sem o seu protesto.

Neste sentido, pois, e para não soffrerem as boas relações commerciaes e industriaes que temos com as cidades offendidas, vimos, n'um intuito patriotico, solicitar da vossa urbanidade que, em nome do povo d'esta terra, vos apreçeis a officiar ás camaras municipaes do Porto e Villa Nova de Gaya, significando-lhes os vossos sentimentos pelos cobardissimos attentados de que foram victimas os seus prestimosos filhos, e ao mesmo tempo communicar-lhes que esse sentimento é o de todos os filhos d'esta nobre e laboriosa terra.

Guimarães, ex.<sup>mas</sup> senhores, a cidade hospitaleira por excellencia, que ainda no anno passado recebeu tão bizarramente os empregados de commercio do Porto, não deve consentir que os agravos do dia 5 não sejam desaffrontados!

Guimarães, ex.<sup>mas</sup> senhores, é uma cidade illustre e fidalga por tradição, e não deve consentir que estes dotes tão nobres desapareçam das paginas brilhantissimas da sua historia!

Guimarães, ex.<sup>mas</sup> senhores, deve lavar-se da pesada nodoa que meia duzia de inconscientes lhe lançaram!

E assim, os signatarios confiam que terão o bom deferimento que desejam.

E. R. M.

Guimarães, 15 de maio de 1901.

(Seguem-se cento e tantas assignaturas de cavalheiros da maior respeitabilidade de Guimarães).

O sr. *Verímico* que limpe agora o rosto a estes finissimos guardanapos, e diga-nos depois se a cidade inteira não reprova os barbaros acontecimentos.

Caminho de Ferro de Guimarães

O nosso presado collega *Jornal de Santo Thyrsó*, sob esta epigraphe refere-se, no seu ultimo numero, á local que publicamos domingo passado, sobre a reclamação que a companhia do caminho de ferro de Guimarães apresentou ao sr. governador civil do districto do Porto, contra a projectada linha americana d'esta cidade para Famalicão.

Não concorda o collega com as nossas *palavras pouco lisonjeiras, e de todo o ponto injustas*, pois que dissemos que a companhia tem prejudicado os interesses commerciaes e industriaes d'esta terra. Que, finalmente, o caminho de ferro de Guimarães, longe de prejudicar os interesses d'esta cidade, contribuiu immenso para o seu desenvolvimento commercial e industrial, etc., etc.

Longe de melindrarmos o collega, por quem temos uma

veneração muito respeitosa, pedimos-lhe licença para nos admitir alguns reparos.

E' verdade, confessamos, que o caminho de ferro de Guimarães algo contribuiu para os desenvolvimentos que o collega allude; mas, deve concordar que Guimarães, uma das terras mais ricas de provincia, com as suas tradicionais industriaes e o seu excelente commercio, não podia estar ao criminoso abandono de seus filhos. Se o sr. Velloso não organisasse o caminho de ferro, outra qualquer companhia, ou até o governo, o levaria a effecto.

Nós verberamos da companhia porque ella, alem de ter as suas tarifas muito caras, como já foi demonstrado, não cuida dos seus deveres.

As mercadorias chegam aqui todas arruinadas e com delongas; o sr. Velloso, como não temos outro meio de communicação com o Porto, dá de barato todas as reclamações e queixas que lhe são constantemente feitas e não procura cortar os males; as carruagens estão sempre immundas, não ha a luz sufficiente, o trajecto é demorado, o pessoal bracial diminuto e as chegadas dos comboios nunca obedecem ao regulamento.

De aproveitavel, na companhia do caminho de ferro de Guimarães, só temos uma coisa — os empregados, que possuem uma educação esmerada.

Esta é que é a verdade.

De resto: muito estimaríamos, e isto até o pediamos ao nosso collega, que não viesse defender ou protestar contra uma causa justissima, que é só de interesse commum para esta cidade e Famalicão, onde todos, gregos e troianos, se empenham para levarem a cabo tão grande empreendimento.

Creemos que a formosa villa de Santo Thyrsó não tem a perder nem a lucrar com a linha americana, aliás reconheceríamos-lhe o direito de intervenção da sua imprensa no melindrosissimo assumpto.

Azylo de Santa Estephania

Durante o mez de abril proximo passado recebeu este azylo os seguintes donativos:

Das ex.<sup>mas</sup> sr.<sup>as</sup>: condessa de Margaride, um alqueire de feijão, um pão de ló e uma travessa de creme; D. Rosa de Jesus, 9 kilos de pão de trigo.

Dos srs.: Um anonymo, um pão de ló e um saval; José da Costa Carneiro, uma grande rosca de pão de trigo; condessa de Margaride, 50000 réis para um jantar; de um grupo de rapazes 34 pombas mortas a tiro n'um torneio; anonymo réis 50000, devendo as azylladas assistir a uma missa; Antonio Ferreira Ramos, 50000 réis, devendo as azylladas assistir a uma missa por alma do sr. Francisco José Ferreira Ribeiro; Antonio Ribeiro Varandas, por intermedio do presidente da Sociedade Martins Sarmento, 8 kilos de doce e pão de ló, exposto no museu industrial d'aquelle Sociedade.

O sr. thesoureiro tambem recebeu durante o mesmo mez

Dos srs.: anonymo A. G. 50000 réis, devendo as azylladas assistir a uma missa; general Costa Sequeira, como subscriptor mensal, 500 réis; Eduardo Almeida, como subscriptor annual, 12500 réis; João d'Oliveira Basto, idem, 12500 réis; João José da Cunha Monteiro, idem, 200 réis.